

O outro pé da sereia: uma viagem no tempo-espaço

Aparecida Cristina da Silva¹

Neste artigo propomos analisar a temática da viagem no romance O Outro Pé da Sereia, de Mia Couto, com o objetivo de demonstrar que o trabalho artístico do escritor moçambicano é conjugar o tempo da história e o tempo da ficção através de duas cidades fictícias, Vila Longe e Antigamente e de duas personagens D. Gonçalo da Silveira e Mwadia Malunga.

O romance O Outro Pé da Sereia (2006) de Mia Couto é uma narrativa pela qual a estrutura da obra é toda separada em dois tempos, e essa separação é marcada no início de cada capítulo como uma forma de avisar ao seu leitor onde e quando se passa a ação narrada.

Desta maneira, o escritor moçambicano faz uma separação estrutural no interior da obra, a começar pelo índice designando o espaço/lugar e a data onde a narrativa se desenvolve. Assim, temos no romance duas temporalidades, a narrativa que se desenvolve no século XVI (1560), e a que se desenvolve no século XXI (2002). Temos por exemplo; Capítulo Um: A estrela enterrada, Moçambique, Dezembro de 2002, Capítulo Dois: Pegadas no rio, sombras no tempo, Moçambique, Dezembro de 2002, Capítulo Três: Primeiro manuscrito: o mar nu, escrito Goa, Janeiro de 1560, Capítulo Quatro: A travessia do tempo, Moçambique, Dezembro de 2002. Desse modo, a narrativa se desenvolve numa espécie de simultaneidade em que a linha de uma divisão temporal se cruza no corpo do texto. Assim, o escritor faz um entrelaçamento do tempo trabalhando com dois capítulos na temporalidade (2002), onde a narrativa se desenvolve em Moçambique, e um capítulo com o tempo (1560) em que a narrativa inicia-se com a partida da Missão Católica do padre jesuíta português D. Gonçalo da Silveira do porto de Goa, na Índia, decorrendo toda a narrativa nesse tempo com a travessia do oceano Índico até a chegada da Missão jesuítica em Moçambique, dezembro de 1560. Ou seja, a narrativa que se desenvolve nessa temporalidade (1560) transcorre dentro da nau/navio no Oceano Índico.

É importante mencionar também, que há uma diferença estética em relação à obra lançada no Brasil da que foi lançada em Portugal.

¹ Estudante do 8º semestre do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – Projeto: Configurações literárias e representações do poder nas literaturas da América Latina e da África Austral.



Na edição portuguesa, publicada pela Editora Caminho, tal separação dos tempos também ocorre no aspecto físico do livro havendo a diferenciação na separação das cores entre os capítulos. Papel amarelo com aspecto envelhecido para a narrativa que se desenvolve no século XVI (1560) e papel branco para o XXI (2002). Já na edição brasileira, publicada pela editora Companhia das Letras não houve tal “criatividade”. Então, visivelmente o leitor tem a partir da divisão das cores no romance, branca e amarela, uma identificação das diferentes épocas nas quais se desenvolvem as narrativas.

Segundo Tindó Secco (2006, p.72) o discurso literário do escritor moçambicano tece uma rede intertextual e simbólica com os mitos e as crenças dos povos moçambicanos. É uma escrita que trabalha metaforicamente a linguagem e recria a língua portuguesa com os sabores e ritmos locais, efetuando construções morfosintáticas e semânticas inusitadas, que visam à recuperação de sentidos poéticos da vida, escamoteados pelos anos de longo sofrimento vividos em Moçambique.

Desta maneira, a escrita literária de Mia é marcada de simbologias, metáforas e com uma visão mítica e poética sobre a existência. Sendo assim, o escritor concentra em sua literatura mitos, ritos e sonhos, ambos, caminhos ficcionais trilhados pelas narrativas do escritor moçambicano. Ou seja, enveredam pelos labirintos e ruínas da memória coletiva moçambicana como uma forma de resistir à morte das tradições, sem perder o horizonte da esperança de que esse mundo pode mudar.



No romance, a temática da viagem caracteriza-se em vários níveis, desde a viagem no espaço físico como também a viagem no tempo. Tanto no plano cronológico, apesar de o autor não seguir uma linearidade dos fatos, como também no psicológico, a viagem é empreendida no interior das personagens.

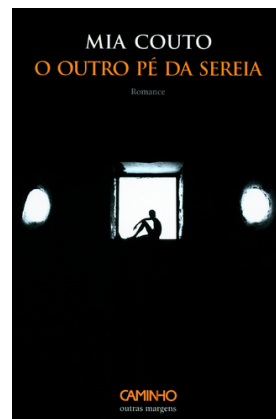
Os espaços físicos característicos dentro desta obra literária são vários, e podem ser abordados para desenvolver um estudo sobre as várias temporalidades que se estabelecem a partir de dois momentos distintos, que têm a ver com a história de Moçambique.

Portanto, nesta análise selecionamos dois espaços da narrativa a ser analisados, “Vila Longe” e “Antigamente”, bem como duas temporalidades, séculos XVI e XXI, e duas personagens, D. Gonçalo da Silveira e Mwadia Malunga. Espaço e tempo aparecem aqui amalgamados de tal modo que os territórios que representam anunciam a fertilidade de um presente que se relaciona com a história.

Em relação ao Tempo que transcorre na narrativa abordaremos o tempo fictício, isto é, interno ao texto, entranhado no enredo literário, como também, o tempo psicológico que transcorre na ordem determinada pela imaginação da personagem Mwadia Malunga, a responsável pela incursão e transitoriedade nos seguintes espaços, Vila Longe e Antigamente, e no próprio tempo, séculos XVI e XXI dentro do romance. Analisaremos, também, através das personagens

Mwadia Malunga e Gonçalo da Silveira, o cruzamento das duas temporalidades na narrativa e de suas relações com o espaço-tempo.

Segundo Gancho (2006, p.27) a designação de Espaço, é por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Dessa maneira analisaremos a ação desenvolvida pela personagem Mwadia Malunga em seu percurso entre o lugarejo denominado “Antigamente” ao seu lugar de destino, “Vila Longe”, e a ação desenvolvida pela personagem D. Gonçalo da Silveira em missão jesuítica e viagem para o reino do Monomotapa em Moçambique.



Como afirmamos neste trabalho, a temática da viagem é o nosso principal objeto de discussão e análise, pois pensamos que é seguindo esse caminho, e empreendendo também uma viagem pela narrativa de Mia Couto, que pretendemos analisar o percurso das personagens Mwadia Malunga e Gonçalo da Silveira. Ambos viajam, buscam coisas distintas, vão atrás de sonhos e de crenças diferentes, mas se encontram naquele ponto em que o humano se confronta com o mistério da própria vida e com a inconformidade com relação ao destino. Assim, pretendemos compreender a temática da viagem além do aspecto externo, como uma descoberta de si mesmo, ou também a descoberta do outro. A viagem empreendida pelo eu em busca da sua identidade.

D. Gonçalo da Silveira: intertexto e revisitações

A viagem empreendida na narrativa pela personagem D. Gonçalo da Silveira acontece no plano físico espaço-temporal. O século XVI é revisitado pelo autor através dos relatos de viagens, maneira pela qual apropria-se da História para então reescrever a ficção transportando para o interior da narrativa uma personagem histórica, D. Gonçalo da Silveira, padre jesuíta português que viveu entre 1521 a 1561.

Segundo o artigo de Clarisse Barata Sanches (2007) publicado no Jornal On Line Mundo Lusíadas (07/08/2007), a autora comenta sobre o lançamento do livro intitulado “O Venerável Padre Gonçalo da Silveira – Proto-Mártir da África Austral (1521-1561)” (2006) de autoria do padre português Francisco Augusto da Cruz Correia S. J. que trata sobre a vida missionária do padre jesuíta português.

Segundo as informações de Sanches sobre o livro, o padre D. Gonçalo da Silveira foi o segundo Mártir de toda a Companhia de Jesus em Portugal e o décimo filho do senhor D. Luís da Silveira, 1º Conde da Sortelha, 17º Senhor de Góis, Guarda-mor de D. Manuel e de D. João III. Atualmente, a família Silveira está sepultada em um túmulo Renascentista na Capela-mor da Igreja Matriz de Góis, em Portugal.

O nosso interesse neste trabalho em descrever e analisar sobre o padre jesuíta português D. Gonçalo da Silveira é situar no espaço-tempo a história colonial portuguesa em África. No romance, objeto de análise, o escritor Mia Couto transpõe para a narrativa essa personagem

fazendo com que seja parte dela, reconstruindo de maneira fictícia a travessia do Índico e a incursão dos missionários cristãos pela África.

Assim, é através da história oficial, no romance marcado com a temporalidade 1560, que o escritor reescreve, transpondo para a ficção lances cruciais da colonização portuguesa em Moçambique, e ao mesmo tempo, o escritor ficcionaliza o impasse político e social que o país se encontra hoje. Dessa maneira, o padre jesuíta D. Gonçalo da Silveira é uma representação da colonização portuguesa em terras africanas, e ao mesmo tempo, essa personagem simboliza a imposição cristã do Cristianismo. Sendo assim, vejamos na narrativa o fragmento pelo qual indica à partida/viagem de Gonçalo da Silveira onde ficam claros às finalidades da sua viagem ao continente africano.



A nau Nossa Senhora da Ajuda acaba de sair do porto de Goa, rumo a Moçambique. Cinco semanas depois, em Fevereiro de 1560, chegará à costa africana.

Com a Nossa Senhora da Ajuda seguem mais duas naus: São Jerônimo e São Marcos. Nos barcos viajam marinheiros, funcionários do reino, deportados, escravos. Mais do que todos, porém, a nau conduz D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia portuguesa. Homem santo, dizem. O jesuíta faz-se acompanhar pelo padre Manuel Antunes, um jovem sacerdote que se estreava nas andanças marítimas.

O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa. Gonçalo da Silveira prometeu a Lisboa que baptizaria esse imperador negro cujos domínios se estendiam até o Reino de Prestes João. Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã. (COUTO, 2006, p.51).

Na narrativa de Mia Couto o padre jesuíta português ganha destaque em uma parte do enredo do romance, sendo personagem nos capítulos em que a narrativa desenvolve-se no século XVI (1560), e habita a narrativa de ficção como se fosse apenas uma personagem criada pelo escritor, mas, no entanto, temos conhecimento que essa personagem fez parte de um processo histórico, a história colonial portuguesa, e que permanece habitando também outros textos, intertextualizando com outras obras literárias. Nesse caso, encontramos-a na obra de Luís de Camões em Os Lusíadas (1980) no Canto Décimo nº 93. Esse soneto, também é citado por Mia Couto como epígrafe em seu livro, no capítulo nove do romance, “Sobras, Sombras, Assombrações - Oceano Índico, Janeiro de 1560”.

Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vetupério
Padecerá, póla Fé santa sua.
Nace por este incógnito hemispério
O metal porque mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama (CAMÕES, 1980, Nº 93, p.617).

Segundo o artigo de Clarisse Barata Sanches, o padre jesuíta português D. Gonçalo da Silveira como vimos, pertenceu a uma das famílias nobres de Portugal. “Ao contrário de Antunes, que descendia de gente humilde, Silveira era filho de nobres, tinha prescindido de riqueza e prestígio, tinha contrariado famílias e amigos para seguir a vocação interior” (COUTO, 2006, p.163).

Segundo Sanches, o jesuíta português em seus estudos em Coimbra foi companheiro de Luís de Camões tornando-os amigos de estudo. Sendo assim, pela proximidade entre ambos, e pela admiração do escritor português ao padre jesuíta, Camões dedica para Gonçalo da Silveira em seu livro “Os Lusíadas”, no Canto Décimo, o soneto Nº 93 como vimos acima.

No soneto de número 92 aqui citado, podemos perceber também como Camões cantou a Europa, nesse caso, enaltecendo a Portugal cristã, para falar da África, tachada de “mundo avara”, “inculta”, “sem lei” e “cheia de bruteza”. Assim, demonstra-se a visão estereotipada pela qual os portugueses tinham de África.

“Vês Europa cristã, a mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que até' qui se vos negara,
Que assentou pêra o Austro a natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita” (CAMÕES, 1980, Nº 92. p.616).

Podemos dizer, que a partir do processo de colonização africana, no romance, a colonização de Moçambique, inicia-se com a partida/viagem da missão católica portuguesa e sua incursão pelo Índico às terras do Monomotapa, na fronteira entre os atuais Zimbabwe e Moçambique, tendo à frente o padre jesuíta D. Gonçalo da Silveira. Tal processo ganha reconstrução ficcional no romance pelo escritor Mia Couto.

Com isso, Mia reconstrói através da narrativa o confronto cultural resultante do contato entre dois povos distintos, portugueses e africanos, com modos diferentes de estar no mundo, e que resultou em um apagamento do sujeito africano pela sobreposição do português. Ao mesmo tempo, o resultado desse processo colonizatório deixou uma série de conflitos internos. Posteriormente, infinitas perdas e alterações da identidade africana com a sobreposição da cultura do branco. Em se tratando dessas perdas e alterações, podemos nos referir primeiramente à língua, que através do contato entre portugueses e africanos foram impostos a Língua Portuguesa, principal meio de colonização, em segundo lugar, a religião, com a imposição do Cristianismo, e em terceiro lugar, à perda de algumas tradições locais. Referimo-nos principalmente à liberdade das manifestações culturais, seus rituais religiosos, os quais foram fortemente perseguidos e estigmatizados. Neste fragmento, podemos comprovar esse impasse do confronto cultural entre portugueses e africanos.

“Não, minha amiga Dia, eu não traí as minhas crenças. Nem, como você diz, virei costas à minha religião. A verdade é esta: os meus deuses não me pedem nenhuma religião. Pedem que eu esteja com eles. E depois de morrer que seja um deles. Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem. O coração dos portugueses está cego. A nossa luz, a luz dos negros, é, para eles, um lugar escuro. Por isso eles têm medo. Têm medo que a nossa alma seja um vento, e que espalhem cores da terra e cheiros do pecado. É essa a razão por que D. Gonçalo da Silveira quer embranquecer a minha alma que eles não conseguem enxergar” (COUTO, 2006, p. 113).

Como podemos perceber, o contato entre portugueses e africanos, ou seja, a história da colonização portuguesa em Moçambique, que no romance de Mia Couto ganha reconstrução ficcional é explorado pelo autor de forma artística, mítica, poética e fantástica, utilizando simbologias e metáforas para assim, transpor para a atualidade o passado remoto. Com isso, o escritor tece duras críticas desse confronto. E a principal delas, que identificamos com mais ênfase no decorrer desta narrativa refere-se à língua e à religião.

Temos como exemplo, o próprio título do romance, “O outro pé da sereia”. O título da obra é uma metáfora que pode simbolizar o confronto entre religiões e crenças, representando o mito de Kianda, que para os portugueses é Nossa Senhora, imagem que acompanha D.Gonçalo da Silveira em sua viagem. Já para os africanos, essa Santa tem outro significado, ela é a Kianda ou então, Nzuzu, a sereia rainha das águas. Citamos então, um fragmento que identifica o que estamos dizendo.

“Critica-me porque aceitei lavar-me dos meus pecados. Os portugueses chamam isso de baptismo. Eu chamo de outra maneira. Eu digo que estou entrando em casa de Kianda. A sereia, deusa das águas. É essa deusa que me escuta quando me ajoelho perante o altar da Virgem” (COUTO, 2006, p. 113).

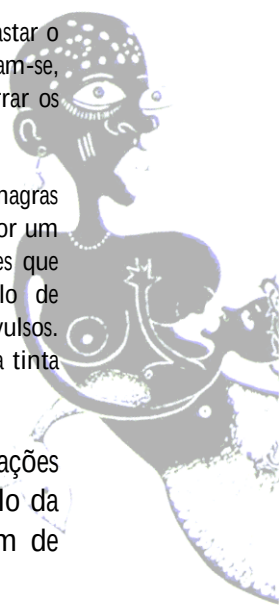
O padre jesuíta português D. Gonçalo da Silveira, é uma das personagens escolhidas em nossa análise porque compreendemos a sua importância na narrativa para que possamos entender a relação existente entre o passado, século XVI, a história da colonização de Moçambique e a sua relação com o presente.

Sendo assim, temos na narrativa de Mia Couto a descrição da morte do padre jesuíta português em terras africanas, aqui citado. Mas, Gonçalo da Silveira deixa consigo marcas do passado, que são consideradas elementos fundamentais para a compreensão entre o passado com a atualidade. Estes são os seus manuscritos, os relatos de viagem do padre jesuíta que permanecem intactos na história, resistindo aproximadamente quinhentos anos e que transitam em dois séculos distintos, século XVI e XXI fazendo a ligação entre o passado e o presente.

Com a ajuda dos soldados portugueses Jerônimo e Baltazar, ele tinha acabado de arrastar o corpo de Gonçalo da Silveira para as terras lodosas da margem. Os portugueses retiraram-se, apressados. Cabia a Xilundo terminar a tarefa de ocultar os restos do jesuíta e enterrar os seus pertences.

Voltou atrás para ir buscar a imagem da Santa e um baú de madeira que continha as magras posses do português. Depois, depositou tudo aquilo junto ao cadáver do sacerdote. Por um tempo hesitou, mas foi vencido pela curiosidade. Abriu a caixa, retirou os pertences que estavam envoltos num pano encerado. Não havia senão uma Bíblia, um rolo de pergaminhos atado por um cordel, um caderno chamuscado e uns tantos papéis avulsos. Retirou a folha que estava no topo dos restantes papéis e espreitou o manuscrito cuja tinta era tão recente que parecia ceder ao toque dos dedos (COUTO, 2006, p. 303).

Para compreendermos a relação entre as duas temporalidades na narrativa, e as relações existentes entre o passado e o presente, escolhemos analisar duas personagens, D. Gonçalo da Silveira e Mwadia Malunga. Nesse caso, pensamos que é através dos relatos de viagem de



Gonçalo da Silveira, e pelos meandros da hist3ria colonial portuguesa em Moçambique, que as personagens se cruzam na narrativa.

Para isso, faremos uma análise mais detalhada da personagem Mwadia Malunga para entendermos o prop3sito da rela3o desta com D. Gonçalo da Silveira.

Mwadia Malunga: a canoa navegante

Mwadia Malunga, uma das personagens principais do romance, é a responsável em fazer a liga3o entre os seguintes espaços na narrativa: Vila Longe e Antigamente, os seguintes tempos: s3culo XXI e s3culo XVI ligando então passado e presente. Segundo as explica3es do autor, “o seu nome, Mwadia, queria dizer ‘canoa’ em si-nhungw3²”. Podemos dizer então, que ela é a “canoa”, o barco responsável pela viagem a transitar entre os espaços, Vila Longe e Antigamente, entre o passado e o presente ligando dois tempos, e assim empreendendo uma viagem em sua pr3pria mem3ria.

Segundo Benjamim Abdala Junior (2003, p.51,52) nessa viagem no espaço e no tempo, os atores mais ativos do campo intelectual situados na ordem europ3ia descobrem um outro que, do ponto de vista estrutural, não pode ser visto como algo que lhes é exterior. A viagem para “fora” pode ser entendida como parente de uma viagem para “dentro”.

Sendo assim,  atrav3s da rela3o existente entre a viagem exterior, que tentamos compreender a viagem para “dentro”, uma viagem que consideramos simb3lica e que na verdade são recursos utilizados pelo escritor para descrever a viagem pelo interior do “eu”, nesse caso, empreendida na mem3ria da pr3pria personagem Mwadia Malunga.

Na narrativa, a personagem Mwadia inicia sua viagem exterior/interior a partir do momento em que encontra a imagem de Nossa Senhora pr3xima às margens de um rio, juntamente com a Santa, ela encontra uma caixa ou um ba3 contendo os documentos, relatos de viagem do missionário jesu3ta portugu3s D.Gonçalo da Silveira.

A viagem empreendida por Mwadia na narrativa tem o objetivo de levar a imagem de Nossa Senhora para Vila Longe e com isso, depositá-la em uma Igreja, lugar at3 então reservado para as imagens, o espaço pelo qual a Santa deveria ficar. Sigo assim, as palavras das personagens: “Pois eu vou levar a Virgem para onde ela pertence. [...] - Consultemos Lázaro, sim. Mas, uma coisa é certa: a Virgem Maria vai para a igreja. E  voc3 que vai levá-la para Vila Longe” (COUTO, 2006, p.39).

Desta maneira, a personagem Mwadia inicia a sua viagem deslocando-se do seu espaço, Antigamente, onde residia com o seu esposo Zero Madzero para Vila Longe. Como podemos perceber, tanto o nome dos lugares aqui citados quanto o nome do personagem Zero Madzero

² Si-nhungw3: l3ngua falada no Noroeste de Tete, Moçambique. Por vezes, grafada como shi-nhungu3, cinyungu3 ou si-nyungw3.

é um jogo semântico com a palavra, recurso usado por Mia Couto como uma pista, ou uma intriga a referir certa informação ao seu leitor.

Podemos dizer, que a designação do nome da personagem Zero Madzero é uma soma do “nada”. Assim, pensamos que tal personagem, que Mwadia designa de “esposo” existe apenas no plano psicológico do seu pensamento, como forma de se conformar em ter um marido, uma companhia.

Com a viagem simbólica empreendida pela personagem em regresso ao seu passado “Mwadia sentiu o conflito a morder-lhe o peito: ela queria, mas temia. O regresso a Vila Longe era sonho e pesadelo” (COUTO, 2006, p.39). Assim, ao fazer esse deslocamento exterior/interior, Mwadia viaja ao encontro do seu povo, retornando a sua antiga casa, reencontrando os seus familiares, revisitando sua identidade. E com isso, ela revisita o seu passado do qual surgem também várias descobertas.

Em Antigamente toda a noite é derradeira. Cada dia é tão custoso e espesso que parece carregar o último sol. Depois deste escuro, pensou Mwadia, já nenhuma outra luz haverá. Talvez tenha sido esse o receio que a fez sorrir, aliviada, quando, já no topo do monte, avistou na distância as escassas luzes de Vila Longe. (COUTO, 2006, p. 20).

Podemos dizer que a denominação dos nomes dos lugares no romance de Mia Couto, considerado topônimos, Vila Longe e Antigamente são uma designação própria e específica de tal lugar, e que se encontra somente no plano fictício da narrativa do escritor, ou seja, de um lugar que só existe em seus próprios espaços. Vila Longe caracteriza o lugar onde representa a distância, o esquecimento, e o isolamento. E Antigamente, um lugar que existe somente no plano da memória, no passado da personagem Mwadia Malunga.

[...] Foram-se distanciando de casa, atravessando a fronteira daquele lugar feito de areias, miragens e ausências. Há anos que o casal se refugiara nesse além-mundo. Mwadia perdera a conta ao tempo naquele exílio de tudo, naquela desistência de todos. No início Mwadia acreditou que eles buscassem refúgio para escapar da guerra. Mas não era isso que Zero procurava. O que ele pretendia, nessa treloucada fuga, era um lugar agreste em que mais ninguém fizesse morada. Quando se instalaram naquele nada, nesse remoto dia, o burriqueiro olhou a paisagem inóspita e declarou:

- Este lugar vai ser baptizado de Antigamente!

[...] Não era, contudo, nome de terra. Era um nome para uma saudade (COUTO, 2006, p.32).

A viagem da personagem Mwadia Malunga na narrativa é a que consideramos mais importante para a compreensão do romance. Pois, é pelo viés da viagem simbólica, trajeto psicológico desenvolvido pela personagem, que podemos entender a relação existente da ligação entre o passado e o presente, século XVI e XXI permitindo que a narrativa se torne legível do ponto de vista da história e da fabulação em seu todo.

Para Mwadia não há uma separação entre o passado e presente, ambos estão interligados entre si. Ela ultrapassa os limites do tempo e da própria narrativa e transita entre ambos, unindo-os. Assim, a separação das temporalidades marcadas no início de cada capítulo do romance não compromete a compreensão e entendimento da obra. No entanto, é através da união e o entrelaçamento entre os dois tempos, passado e presente, (1560 e 2002) que a narrativa ganha o seu verdadeiro sentido tornando-se completa em seu todo. Pois é através dessa separação estrutural da obra que o corpo da narrativa completa a sua ligação, e o romance ganha completude.

Desta maneira, a personagem Mwadia Malunga se encarrega de transportar para a sua atualidade, no romance temporalidade (2002), o passado remoto que está guardado pelo tempo há cinco séculos. [...] “Nunca ouviu falar do missionário Silveira? [...] Esses ossos são dele, desse padre português. Estão ali há mais de quatrocentos anos...” (COUTO, 2006 p. 41). Para isso, é através do recurso simbólico da viagem que a personagem revisita o passado, os manuscritos de D. Gonçalo da Silveira (1560). Assim, Mwadia empreende a viagem da sua própria descoberta, do seu passado, da sua identidade, viagem essa, que consideramos como uma descoberta do seu próprio “eu”.

- O livro, tirem-me o livro das mãos, gritou Mwadia.

A aflição na sua voz era pungente. Constança segredou no ouvido de Casuarino: ele que terminasse com aquela encenação, o seu coração de mãe já entrara em sofrimento. O empresário respondeu em surdina: há muito que a sobrinha estava fugindo dos diálogos previamente acordados. E, de novo, os olhares de todos se centraram em Mwadia.

- Esse livro me está queimando as mãos, tirem-me o livro...

- Qual livro?, perguntou o americano.

- Entreguem-lhe o livro a ele..., disse Mwadia apontando para um lugar vago.

- Está a apontar para mim, sugeriu Casuarino.

- Segure o livro, D. Gonçalo, sussurrou a moça (COUTO, 2006, p.23

Como podemos perceber nesse fragmento da obra, a personagem Mwadia Malunga se encarrega de encenar o passado para o casal de americanos, o historiador afro-americano Benjamin Southman e a socióloga brasileira Rosie Southman que visitam Vila Longe. Como se estivesse possuída por um espírito do passado, ela se encarrega da encenação, representando estar em um momento de “transe” demonstra para o estrangeiro o que eles estavam à procura, a autenticidade africana. Pois ambos estavam à procura do diferente, do exótico.[...] “Você quer nos apresentar como criaturas exóticas, vivendo de crenças e tradições” (COUTO, 2006, P.290).

- Está possuída, ela já está possuída, concluiu Casuarino ordenado silêncio aos restantes ocupantes do pequeno quarto. Mwadia se exibia de meter medo: olhos revirados, cabelos hirsutos, braços ordeando como se vogassem entre águas e nuvens. A transfiguração era tal, que os cúmplices na farsa se interrogavam se os espíritos não estariam realmente tomando conta da moça.

Os americanos estavam paralisados de tanto fascínio. Benjamin Southman estava tão alterado que até falou em inglês (COUTO, 2006, p. 233).

Assim, a encenação/farsa proposta por Casuarino, único empresário de Vila Longe e tio de Mwadia, caracteriza como uma forma de tirar proveito e poder lucrar financeiramente a partir dos elementos culturais destes, vendendo ao outro o diferente, demonstrando ao estrangeiro o exótico.

Desta maneira, sendo Vila Longe um lugar pelo qual o esquecimento e o abandono fazem parte da rotina e da vida das pessoas que a habitam, e com a tão esperada chegada dos americanos, o empresário Casuarino vê a possibilidade de lucrar tirando algum proveito em seu favor se dando bem desta situação. “Não somos Vila Longe. Somos só “Longe”. Aqui ninguém chega, daqui ninguém sai. Só a morte, só a morte é que nos visita” (COUTO, 2006, P.288).

Sendo assim, cabe a realização desse tipo de trabalho à personagem Mwadia Malunga, que toda noite em Vila Longe se encarrega de “entrar em transe” e encenar o passado aos estrangeiros. Mas, para tal tarefa, sendo Mwadia a “canoa” como o seu próprio nome indica, ela faz essa navegação simbólica. Para isso, lendo os relatos de viagem deixados há cinco séculos pelo padre jesuíta português D.Gonçalo da Silveira e assim, se encarregando de transportar para o presente tanto a sua história, como a de seu povo, revisitando também a sua própria memória.

Segundo Mia Couto (2005, p.207) em uma entrevista concedida à professora Vera Maquêa em Maputo, capital de Moçambique em dezembro, no ano de 2003, disse o escritor ser preciso desmistificar a idéia de que África tem uma identidade completamente exótica.

É preciso desmistificar a idéia de que África tem uma identidade completamente exótica, não é? Mas, por outro lado, eu acho que é saudável conversarmos a idéia de que cada pessoa tem um mistério e, portanto, é preciso empreender a saída de si, usar os instrumentos que são a viagem, a memória, para tu descobrires, pra tu viajares para o outro. Não é tanto a África que está ali. O que está ali é o sentido de uma descoberta dos outros, cada um deles sendo uma espécie de um outro continente, que está rodeado de mistério. Esse fascínio instiga a viagem e é essa a viagem que dá gosto fazer. Nós sabemos que a identidade moçambicana é algo que ninguém sabe exatamente definir, mas sabemos que todos nós temos que fazer uma viagem para chegar lá (COUTO, 2005, p.207).

Assim, seguindo as palavras do próprio escritor pensamos que a viagem empreendida pela personagem Mwadia Malunga, tanto de seu lugar Antigamente para Vila Longe, quanto nos relatos de viagem do jesuíta D. Gonçalo da Silveira é uma viagem de regresso ao seu passado, uma viagem em sua memória para que ela possa entender e definir a sua própria identidade, a de uma jovem mulher moçambicana que se afastou isolando da sua própria comunidade para não servir de “desfrute” das autoridades locais. “Mwadia sempre dissera que não queria ficar na Vila, recusava sujeitar-se aos poderosos locais, ao chefe do posto, ao chefe do Partido, ceder-lhes favores, deitar-se com eles” (COUTO, 2006, p.86). E para que isso não lhe acontecesse, ela fugiu com Zero Madzero, seu esposo, para residir em um lugar onde ninguém mais habitava, Antigamente, esse lugar que só existe no plano da sua memória.

- Não enterrem a estrela, não façam isso!
- Que raio é que ela está dizendo?, interrogou-se, incomodado, Casuarino.
- A estrela está caindo, está caindo dentro de nós.

- Uma estrela?
- Sim, uma estrela. Atravessa o tempo, está cruzando os séculos, agora está caindo. Todos os nossos mortos ganharam luz nessa estrela. E vocês deixaram esfriar esse pedaço do céu. Foram vocês...
- Mas nós fizemos o quê, valha-nos Deus?, torturava-se Jesustino.
- Vocês enterraram a estrela. Aqui, no chão de Vila Longe, essa estrela foi sepultada. E vocês morreram nesse enterro (COUTO, 2006, p.236).

A “estrela” pela qual a personagem se refere pensamos ser o seu passado, a sua história, e a história de seu próprio povo, como também, a história de Moçambique. Essa história, que segundo Mwadia “está cruzando os séculos”, século XVI, na representação do passado, a colonização portuguesa em África, marcado na narrativa pelo escritor como o ano de 1560. E o século XXI, marcado como 2002 representando a atualidade, o presente. Assim, o romance de Mia Couto se configura misturando elementos da história e ficção.

Desta maneira, é pelo viés da narrativa de ficção que Mia Couto representa através das personagens Mwadia Malunga e Gonçalo da Silveira o cruzamento de duas temporalidades, o passado (1560) e o presente (2002). E para isso, o escritor moçambicano cria uma escrita literária mitopoeticamente sobre o real, misturando elementos da história da colonização portuguesa sob o povo moçambicano com a ficção literária. Assim, o escritor faz uma representação artística da história do seu país, Moçambique, mas fazendo-a de uma maneira metaforicamente sobre o real, artisticamente poética, simbólica e própria.

Temos como exemplo, na própria narrativa, a presença do padre jesuíta português D. Gonçalo da Silveira, como representação da colonização, ora como personagem histórico, como já dissemos anteriormente, ora como uma personagem de ficção.

Nas seguintes noites, Mwadia Malunga voltou a ser possuída pelos espíritos. De sessão para sessão, ela ia aperfeiçoando a exibição, focando as lembranças. O que era intrigante era que as suas revelações sobre o passado se mostravam mais e mais acertadas. Os familiares se interrogavam: como é que Mwadia podia saber tanto de tudo? Será que ela tinha realmente poderes? [...] tudo aquilo que, em êxtase, Mwadia ia recordando correspondia, de fato, à realidade histórica. Não havia dúvida: Mwadia estava realmente entrelaçando os tempos com a memória, restituindo as cascas ao estilhado ovo (COUTO, 2006, p.236, 237).

Neste fragmento, como podemos perceber, a personagem Mwadia Malunga é, entre as personagens de Mia Couto neste romance, selecionada para análise, por ser ela a se encarregar de “entrelaçar os tempos com a memória”. E para isso, ela o faz através da revisitação do passado e da História, relendo os relatos de viagem e os manuscritos de D. Gonçalo da Silveira que ela transporta para o presente as “revelações sobre o passado”. Sendo assim, ela viaja simbolicamente em si mesma, utilizando os recursos da sua própria memória para compreender tanto o seu passado, e a sua história, quanto à de seu país.

Para Mia Couto, (2005, p.206, 207) a memória é uma construção que ganha mobilidade, e a viagem, um propósito de construir algo, no caso de Moçambique, a sua identidade. Sobre esse assunto, citamo-lo:

Aprendi que a memória é realmente uma construção, que essa construção vive e convive com o seu próprio retrospecto e que, por via do recontar e do seu próprio repassar, a história ganhava mobilidade e se converte numa outra composição. É como se ela tivesse contemplado uma coisa... contemplado uma coisa que não tem existência física [...] A viagem pra mim é fundamental, eu acho que o que os escritores querem captar é a viagem, no fundo. No caso de Moçambique, a viagem está no propósito de construir uma identidade, está na reinvenção da cultura. Estamos num país que está ainda muito desarrumado, não está completado e que está nessa situação de viagem... de busca (COUTO, 2005, p. 206, 207).

Sendo assim, podemos dizer que a viagem empreendida pela personagem Mwadia Malunga na narrativa é mais do que um deslocamento espacial entre os espaços fictícios Antigamente e Vila Longe, nesse caso, significam um deslocamento temporal, uma viagem em sua própria memória. Uma viagem em seu próprio eu com o objetivo de reconstruir e redefinir a sua identidade.

[...] - Há muito que lhe queria dizer isto, Mwadia Malunga: você ficou muito tempo lá no seminário, perdeu o espírito das nossas coisas, nem parece uma africana.

– Há muitas maneiras de ser africana.

– É preciso não esquecer quem somos. (COUTO, 2006, p.46).

Como podemos perceber, a personagem por ter se ausentado do seu país, e ter estudado fora se sente desconectada de sua cultura, portanto ainda está perdida quanto a sua identidade. “Mwadia tinha sido enviada para o Seminário de Darwin, incrustado nas nortenas montanhas do Zimbabwe. [...] O Zimbabwe podia dar-lhe um futuro incerto. Mas era um futuro” (COUTO, 2006, p.83). Com isso, a personagem está em busca da sua identidade, empreendendo uma viagem ao seu passado, pois se sente “desarrumada e incompleta”, assim como o seu país, Moçambique, que segundo Mia Couto, ainda está em fase de construção. Ou seja, ambos, personagem e país se misturam e estão “viajando” à procura de um caminho, de uma definição, a identidade. No entanto, ambos ainda estão em fase de (re) definição mediante o recente processo pós-independência.

Sendo assim, Mia Couto utiliza a metáfora da viagem, construindo a personagem Mwadia como uma “canoa” que deriva na superfície móvel das águas, para que ela possa então viajar e navegar entre dois séculos distintos ligando o passado com o presente, século XVI e XXI. Assim, para que ela possa então compreender o seu presente.

Desta maneira, a personagem Mwadia tenta reconstruir a sua identidade, para poder compreender a sua história e a do seu próprio país, Moçambique.

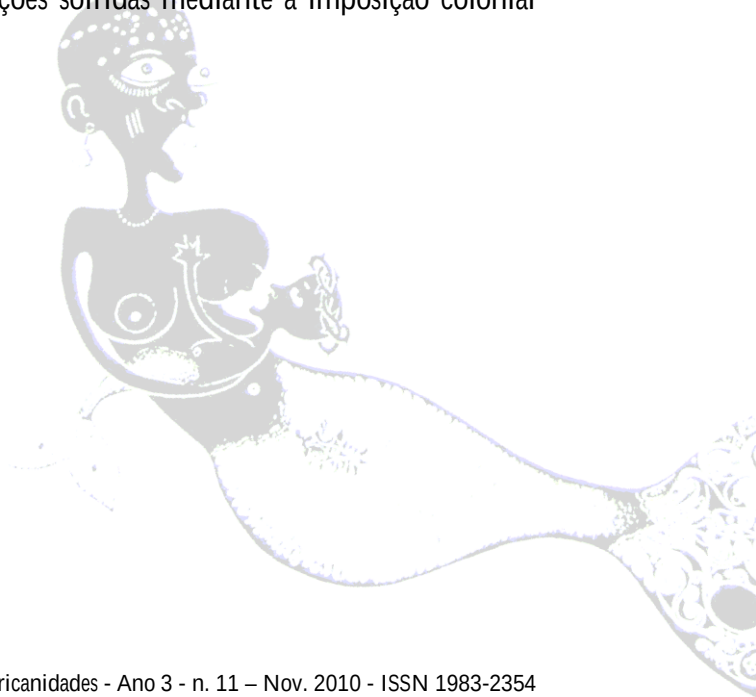
Mwadia respondeu vagamente: os livros e os manuscritos eram as suas únicas visitas. De dia ela abria a caixa de D. Gonçalo da Silveira e perdia-se na leitura dos velhos documentos. De noite, Mwadia ia ao quarto dos americanos e espreitava os papéis do casal e lia tudo, em inglês, em português. E havia ainda a biblioteca que Jesustino tinha herdado.

Nesses últimos dias, Mwadia fechava-se no sótão e espreitava a velha documentação colonial. Agora, ela sabia: um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente. Tivesse livros e ela faria a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma (COUTO, 2006, p. 238).

Como podemos perceber através dos fragmentos selecionados da obra, pretendemos demonstrar e entender a temática da viagem na obra de Mia Couto. Essa, realizada com maior intensidade pela personagem Mwadia Malunga, a responsável pela realização transcendental de tal processo. Sendo assim, interpretamos a viagem simbólica da personagem pelo interior da narrativa transitando em séculos distintos e fazendo a ligação entre os séculos XVI e XXI, pelo viés da memória e dos relatos de viagem deixados por D. Gonçalo da Silveira como um processo de (re) descobrimento. Neste caso, a (re) descoberta da sua própria história, como também a história coletiva da nação moçambicana marcada pela colonização.

Assim, pensamos que a história da personagem Mwadia Malunga se confunde com a história de Moçambique, e que a personagem é a metáfora do país. Por isso, ambos sentem-se “perdidos” necessitando empreender as suas “viagens”, ora, a viagem de (re) descoberta. A de Moçambique, pela (re) construção da identidade e pela independência, no contexto atual, a sua independência econômica e financeira do país. A da personagem, pela identidade de uma jovem mulher africana, independente, pobre, solteira e sem nenhuma herança, os filhos. “Mas a vida de Mwadia fez-se de contra-sensos: ela era do mato e nascera em casa de cimento; era preta e tinha um padrasto indiano; era bela e casara-se com um marido tonto; era mulher e secava sem descendência” (COUTO, 2006, p. 69).

Portanto, na atualidade, século XXI, tanto o país quanto a personagem estão tentando (re) construir as suas histórias, em meio às tantas perdas sofridas. Estas perdas são várias, podem se referir tanto as suas culturas, quanto às línguas faladas, a tradição oral, suas manifestações culturais e religiosas. Perdas essas, das quais o povo moçambicano sofreu com a presença da colonização portuguesa, e também, as estigmatizações sofridas mediante a imposição colonial regido pela presença do Cristianismo.



Referências:

ANGIUS, Fernanda. ANGIUS, Matteo. O Desanoitecer da Palavra: estudo, seleção de textos inéditos e bibliografia anotada de um escritor moçambicano. Coleção Encontro de Culturas. Portugal: Centro Cultural Português – Praia - Mindelo, 1998.

BRAIT, Beth. A Personagem. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antônio. A Personagem de Ficção. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985 (p.52 a 81).

CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. Edição comentada. Editora Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1980.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: Acrediteísmos. Lisboa: Mar Além, 2001.

COUTO, Mia. O Outro Pé da Sereia. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

_____. O Outro Pé da Sereia. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

_____. 30 Anos de Independência: no passado, o futuro era melhor? USP São Paulo: Revista Via Atlântica. Nº 8/2005 (p.191 a 204).

FONSECA, Ana Margarida. Projetos de Encostar Mundos: referencialidades e representações na narrativa Angolana e Moçambicana dos anos 80. Portugal: Difusão Editorial S.A., 2002.

GANCHÓ, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JUNIOR, Benjamin Abdala. De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos. Ateliê Editorial: São Paulo, 2003. (p.10 a 62).

LEITE, Ana Mafalda. Modelos Críticos e Representações da Oralidade Africana. São Paulo: Revista Via Atlântica n. 8/2005 (147 a 162).

_____. Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

Sendo assim, é somente através do recurso da viagem, sendo no plano da memória, através dos livros ou pelos manuscritos “da velha documentação colonial”, relatos de viagem do século XVI deixados por D. Gonçalo da Silveira, ambos escritos na língua do colonizador, a língua portuguesa e que a personagem tem domínio, é que Mwadia pode então fazer a ponte de ligação do passado com o presente na sua atualidade. Para a personagem, “um livro é uma canoa” e esse era o “barco que lhe faltava em Antigamente” para que ela pudesse realizar a “sua travessia para o outro lado do mundo”, e entender o passado histórico de seu povo, marcado pela colonização.

No entanto, pensamos que é somente através dessa “travessia”, para o outro lado do seu passado, a História, é que a personagem consegue também “fazer a travessia para o outro lado si mesma”.

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa” (p.65). [...] “A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar. Mwadia sentia que regressava aos labirintos de sua alma enquanto a canoa a conduzia pelos meandros do Mussenguezi (COUTO, 2006, p.329).

Portanto, pensamos que a viagem da personagem Mwadia Malunga só termina quando ela regressa “a sua fronteira interior”, ao seu passado, e a si mesma. Assim, é somente a partir do momento que ela revisita o passado, esclarece todas as suas dúvidas, as verdades são todas esclarecidas, e enterra definitivamente o passado é que ela pode seguir o seu caminho.

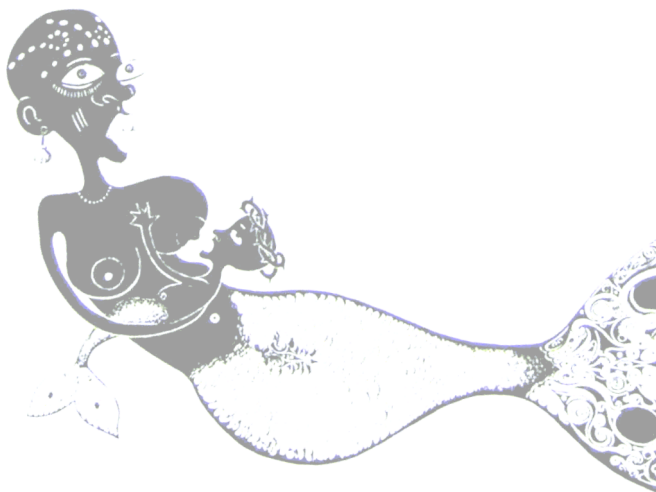
Mwadia sacudiu a poeira das mãos e espetou a pá no remexido solo. Comprovou se a campa que abria estava bem compactada, disfarçada entre os arbustos junto ao rio. Dentro da cova permanecia, intacta, a caixa dos papéis de D. Gonçalo da Silveira. O tempo jazia agora sob o firme chão. O passado apodrecia sob os seus pés, juntando-se ao estrume da terra.

A mulher olhou a noite, inspirou fundo, como se o que estivesse à sua frente fosse um nascer de novo e dirigiu-se para a casa que luzia, longe no escuro. Abriu a porta, com cuidado, aproximou-se do leito onde Zero Madzero dormia e disse:

- Marido, acabei de enterrar uma estrela!

Pegou na sacola que já estava preparada e beijou de leve o rosto do marido, tão de leve como se ele fosse apenas uma ausência adormecida. Apoiou a porta para suavizar o ruído do trinco ao fechar-se. Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio (COUTO, 2006, p.331).

Assim, a viagem é uma travessia, um trânsito necessário para as personagens descobrirem o sentido de suas próprias vidas. Essa viagem não é apenas em busca de um passado obscuro que por tanto tempo perturbou Mwadia. Essa viagem é o desejo de passagem desse país para um momento em que todos os homens se reconheçam, se reencontrem e possam celebrar a vida. O caminho do rio, no seu fluxo contínuo, no seu leito, é o convite a essa viagem da memória e do presente, de Vila Longe e Antigamente, reunindo as experiências do passado e tentando descobrir os segredos do porvir. Nenhuma viagem poderia ser mais intensa que a de Mwadia, que se move na busca de si mesma.



MACÊDO, Tânia Celestino de. A Presença da Literatura Brasileira na Formação dos Sistemas Literários dos Países Africanos de Língua Portuguesa. São Paulo: Revista Via Atlântica n. 13/2008 (p.123 a 152).

MAQUÊA, Vera Lucia da Rocha. Entrevista com Mia Couto. São Paulo: Revista Via Atlântica n. 8/2005 (p.205 a 217).

MEDINA. Cremilda de Araújo. Sonha Mamana África. São Paulo: Edições Epopéia, Secretaria do Estado da Cultura, 1987.

RIBEIRO SECCO, Carmem Lucia Tindó. Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos. São Paulo: Revista Via Atlântica Nº 9. Junho/2006 (p. 71 a 84).

_____. A Magia das Letras Africanas: Ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SARAIVA, Sueli. Resenha - Moçambique: das palavras escritas. São Paulo: Revista Via Atlântica n.13/2008 (p. 235 a 240).

SARLO, Beatriz. Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.